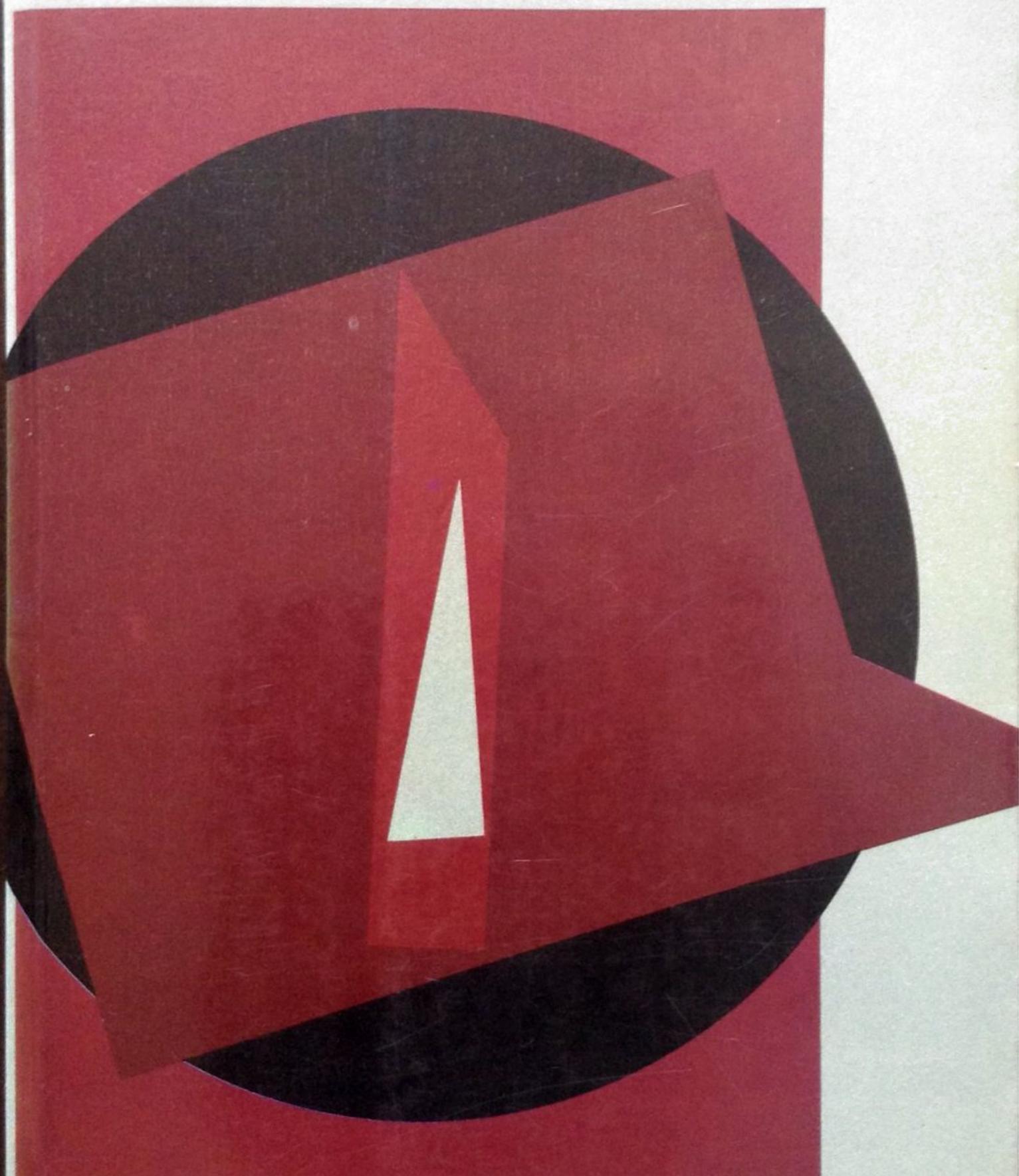


**contre sainte-beuve**

**notas sobre crítica e literatura**



**marcel proust**

MARCEL PROUST

Contre Sainte-Beuve  
Notas sobre crítica e literatura

*Tradução:*

Haroldo Ramanzini

*Revisão da tradução:*

Marilene Felinto

Título do original francês:  
Contre Sainte-Beuve

Copyright© da tradução Editora Iluminuras  
Copyright© do prefácio Editora Iluminuras  
Capa:  
Ligia Eluf

Revisão das provas:  
Marilene Felinto  
Nicolino Simone Neto

Composição e fotolito:  
Helvética Produções Editoriais S/C Ltda.

ISBN: 85-85219-02-5

1988  
Iluminuras — Projetos e Produções Editoriais Ltda.  
Rua Oscar Freire, 1233 — CEP 01426  
Tel.: (011) 852-8284  
Telex: 23482 ALJC BR  
São Paulo — Brasil

## ÍNDICE

Prefácio .....	7
Indrodução do editor francês .....	25
Contre Sainte-Beuve .....	37
Projetos de prefácio .....	39
O método de Sainte-Beuve .....	49
Gérard de Nerval .....	63
Sainte-Beuve e Baudelaire .....	73
Fim de Baudelaire .....	89
Sainte-Beuve e Balzac .....	97
Notas complementares .....	121
Acrescentar ao Balzac de M. de Guermantes .....	131
Acrescentar a Flaubert .....	135
Notas sobre a literatura e a crítica .....	139
Romain Rolland .....	143
Moréas .....	147
Notas .....	151

## O MÉTODO DE SAINTE-BEUVE<sup>27</sup>

Cheguei a um ponto, ou, em se preferindo, vejo-me em circunstâncias tais onde é possível temer que aquelas coisas sobre as quais mais se desejaria falar — ou, na falta delas, se o enfraquecimento da sensibilidade e a bancarrota do talento já não o permitirem, aquelas que viriam em seguida, as quais somos inclinados por comparação com o mais alto e mais secreto ideal, a não estimar muito, mas enfim que não se leu em parte alguma, podendo-se pensar que não serão ditas se alguém não as disser, e que se percebe que ocupam mesmo assim uma parte menos profunda de nosso espírito — aquelas coisas, já não se poderá mais dizê-las de uma só vez. A pessoa então não se considera mais do que um depositário, que pode desaparecer de um momento para outro, dos segredos intelectuais, que desaparecerão com ele, e gostaria de pôr em xeque a força de inércia da indolência anterior, obedecendo ao belo preceito de Cristo em São João: “Trabalhai enquanto ainda tendes a luz<sup>28</sup>”. Parece-me, assim, que eu gostaria de falar sobre Sainte-Beuve, e muito mais a propósito dele do que sobre ele mesmo, coisas que talvez tenham sua importância, pois ao mostrar em que ele pecou, na minha opinião, como escritor e como crítico, eu chegaria talvez a dizer o que deve ser a crítica e o que é a arte, coisas sobre as quais sempre penso. De passagem, e a propósito dele, como ele faz freqüentemente, eu o tomaria como motivo para fa-

lar de certas formas de vida...<sup>29</sup> Eu poderia [dizer] algumas palavras de certos contemporâneos dele sobre os quais tenho também uma opinião. Assim, depois de ter criticado os outros, e desta vez abandonando completamente Sainte-Beuve, esforçaria-me para dizer aquilo que seria a arte para mim, se...

Essa definição e esse elogio do método de Sainte-Beuve, eu os emprestei<sup>30</sup> do artigo de Paul Bourget<sup>31</sup>, porque a definição era curta e o elogio autorizado. Mas poderia citar outros vinte críticos. Ter feito a história natural dos gênios, ter buscado na biografia do homem, na história de sua família, em todas as suas particularidades, a inteligência de sua obra e a natureza de seu talento, eis aí o que todos reconhecem como sua originalidade, eis o que ele mesmo reconhecia, no que, aliás, tinha razão. O próprio Taine, que sonhava com uma história natural dos gênios mais sistemática e melhor codificada, com quem, aliás, Sainte-Beuve não se mostrava de acordo sobre as questões de raça, não diz outra coisa em seu elogio a Sainte-Beuve:<sup>32</sup> “O método de Sainte-Beuve não é menos precioso que sua obra. Nisso, foi um inventor. Transportou para a história moral os procedimentos da história natural. Mostrou...”<sup>33</sup> (página 96) até “ciências positivas”.

Acrescentou somente: “Não há que se aplicar...”<sup>34</sup> até “... um monumento durável”.<sup>35</sup>

Taine assim se expressava porque sua concepção intelectualista da realidade só via verdade na ciência. Como, no entanto, demonstrava bom gosto e admirava as mais diversas manifestações do espírito, para explicar esses valores ele as considerava como auxiliares da ciência (ver prefácio de *L'Intelligence*). Considerava Sainte-Beuve como um inovador, como notável *para seu tempo*, quase como se tivesse achado tal método nele, Taine.

Ora, na arte não há (pelo menos no sentido científico) iniciador ou precursor. Tudo [está]<sup>36</sup> no indivíduo, cada indivíduo recomeça, por sua conta, a tentativa artística ou literária; e as obras dos predecessores não constituem, como na ciência, uma verdade adquirida, da qual aproveita-se aquele que vem em seguida. Um escritor de talento hoje tem tudo por fazer. Ele não está mais avançado que Homero.

Mas os filósofos que não souberam encontrar aquilo que há de real e de independente de toda ciência na arte, [foram]<sup>37</sup> obrigados a imaginar a arte, a crítica etc. como as ciências onde o predecessor é forçosamente menos avançado do que aquele que lhe segue.

No mais, para que nomear todos aqueles que vêm nisso a originalidade, a excelência do método de Sainte-Beuve? Restamos então deixar a palavra com ele mesmo: p. 15 (suprimindo os antigos),<sup>36</sup> pp. 16, 17.

"A literatura", dizia Sainte-Beuve,<sup>39</sup> "não é, para mim, distinta ou pelo menos separável do resto do homem e da organização... Não<sup>40</sup> se saberia por que maneiras e meios proceder para conhecer um homem, ou seja, por nenhuma outra coisa que não um espírito puro. Tanto que ao formularmos sobre um autor um certo número de questões e não termos resposta, a não ser por ele mesmo e sucintamente, não estaríamos seguros de resistir a isto por completo, muito embora essas questões pudessem parecer as mais estranhas diante da natureza de seus escritos: Que pensava sobre religião? Como era afetado pelo espetáculo da natureza? Como se comportava com relação a mulheres, dinheiro? Era rico, pobre; qual era seu regime, sua maneira de viver diariamente? Qual era seu vício ou seu ponto fraco? Nenhuma das respostas a estas questões é indiferente para julgar o autor de um livro e o próprio livro, desde que tal livro não seja um tratado de geometria pura, desde que seja sobretudo uma obra literária, isto é, algo onde entra de tudo etc." Este método que aplicava com instinto por toda a vida era onde, já no final, ele enxergava os primeiros esboços de uma modalidade de botânica literária...<sup>41</sup>

A obra de Sainte-Beuve não é profunda. O famoso método que, segundo Taine, segundo Paul Bourget e muitos outros, tornou-se o guia inegável da crítica no século XIX, esse método que consiste em não separar o homem da obra, em considerar que ele não é indiferente para julgar o autor de um livro, se esse livro não é "um tratado de geometria pura", em ter primeiro respondido às questões que parecem as mais estranhas à sua obra (como se comportava ele...), em munir-se de todas as informações possíveis sobre um dado escritor, em colecionar correspondência, em interrogar os homens que o conheceram, conversando com eles se ainda estiverem vivos, lendo aquilo que puderam escrever, caso estejam mortos, esse método desprezava aquilo que uma convivência um tanto profunda com nós mesmos pode ensinar: que um livro é o produto de um

outro eu e não daquele que manifestamos nos costumes, na sociedade, nos vícios. Aquele eu, se desejamos tentar compreendê-lo, está no fundo de nós mesmos, tentando recriá-lo em nós que podemos atingi-lo. Nada pode dispensar-nos deste esforço de nosso coração. Esta verdade, devemos assumi-la por inteiro e...<sup>42</sup> É muito fácil acreditar que ela nos chegará numa bela manhã pelo correio, sob forma de uma carta inédita que um bibliotecário de nossos amigos nos comunica, ou que a recolheremos da boca de alguém que muito conheceu o autor. Falando da grande admiração que inspira em muitos escritores da nova geração a obra de Stendhal, Sainte-Beuve afirma:<sup>43</sup> “Se me permitem dizer, para julgar com franqueza esse espírito tão complicado, e sem nada exagerar em nenhum sentido, acabo por sempre preferir, independentemente de minhas próprias lembranças e impressões, aquilo que poderão dizer-me aqueles que o conheceram no melhor de seus anos e na sua origem, aquilo que dirá Mérimée, Ampère, aquilo que me diria Jacquemont se ainda vivesse, em outras palavras, aqueles que muito o observaram e o admiraram sob sua forma inicial”.

Por que isto? No que o fato de ter sido amigo de Stendhal permite julgá-lo melhor? É provável, pelo contrário, que este fato dificultasse muito. O eu que produziu as obras é ofuscado para seus companheiros pelo outro eu, que pode ser muito inferior ao eu exterior de muita gente. De resto, a melhor prova está em que Sainte-Beuve, tendo conhecido Stendhal, tendo recolhido junto ao “Senhor Mérimée” e junto ao “Senhor Ampère” todas as informações que podia, munindo-se, em suma, de tudo aquilo que, segundo ele, se permitia ao crítico para julgar mais exatamente um livro, julgou Stendhal da seguinte forma: “Acabo de reler, ou de estudar, os romances de Stendhal; eles são francamente detestáveis”.<sup>44</sup> Contudo,<sup>45</sup> reconhece que *Le Rouge et le Noir* “intitulado assim não se sabe bem por quê, e por um símbolo que é preciso adivinhar, *tem pelo menos ação*. O primeiro volume é interessante, apesar da afetação e das inverossimilhanças. *Há ali uma idéia*. Beyle\* colocou nesse começo de romance um exemplo preciso, *asseguram-me*, de alguém de seu conhecimento e, *enquanto assim se conserva, parece-me verdadeiro*.”

\* Beyle, Henri (1783-1842): nome verdadeiro de Stendhal. (N.do.E. brasileiro)

A pronta introdução do jovem tímido no mundo para o qual não foi educado etc., *tudo isso é bem tramado ou, pelo menos, o seria se o autor* etc... Não são seres vivos, mas autômatos engenhosamente construídos... Nas novelas de tema italiano, *obteve melhor êxito... La Chartreuse de Parme* é, de todos os romances de Beyle, aquele *que deu a algumas pessoas a melhor idéia de seu talento no gênero*. Notem como estou longe, com relação a *La Chartreuse* de Beyle, de partilhar o entusiasmo de Balzac. Quando se lê aquele, retorna-se naturalmente, pelo que me parece, ao gênero francês etc... Dá-se em parte razão etc., como o demonstram a história das *Fiancés* de Manzoni, todo bom romance de Walter Scott ou uma adorável e verdadeiramente simples novela de Xavier de Maistre; o resto não passa de obra de um homem de talento."

E encerra com duas pérolas: "Criticando<sup>46</sup> assim com certa franqueza os romances de Beyle, não o censuro por havê-los escrito... Seus romances são aquilo que podem, mas não são vulgares. São como sua crítica, sobretudo com relação ao uso que fazem..." E as palavras com as quais se encerra o estudo: "Beyle<sup>47</sup> mantinha no fundo uma eqüidade e uma segurança nas narrações íntimas que é necessário jamais esquecer de reconhecer quando se lhe diz suas verdades". No final das contas, eis Beyle, um homem de bem. Talvez não tenha valido a pena encontrar Mérimée tão freqüentemente no jantar, na Academia etc., nem tampouco "convidar Ampère a falar" para chegar a este resultado que, quando lemos, ficamos menos inquietos que Sainte-Beuve ao pensar que novas gerações virão. Barrès, com uma hora de leitura e sem "informações", fez mais que tu. Não afirmo que tudo aquilo que disseste sobre Stendhal seja falso. Contudo, quando nos lembramos do tom de entusiasmo com que falas das novelas de Mme. de Gasparin<sup>48</sup> ou de Töpffer, fica claro que, se todas as obras do século XIX fossem queimadas exceto as *Lundis*, e que fosse, pois, pelas *Lundis* que devêssemos fazer uma idéia da *lista* dos escritores do século XIX, Stendhal apareceria então inferior [a]<sup>49</sup> Charles de Bernard, [a] Vinet, [a] Molé, [a] Mme. de Verdelin, [a] Ramon, [a] Sénac de Meilhan, [a] Vicq d'Azyr, e a tantos outros, e de forma tão indistinta, a bem da verdade, entre d'Alton Shée e Jacquemont.<sup>50</sup> E nem mesmo isto perturbava o rancor que ele pudesse ter contra os outros escritores.

“Um artista...”, disse Carlyle, ele acaba por não ver o mundo senão “pelo emprego de uma ilusão por descrever”.<sup>51</sup>

Em nenhum momento Sainte-Beuve parece ter compreendido que há particularidades na inspiração e no trabalho literário, e que estas o diferenciam por completo das ocupações dos outros homens e das outras ocupações do escritor. Não fazia distinção entre a ocupação literária — onde, na solidão, fazendo calar as palavras que existem para os outros tanto quanto para nós, e com as quais, mesmo solitários, julgamos as coisas sem que sejamos nós mesmos, nós nos recolocamos face a face com nós mesmos, esforçamo-nos por entender, e por restituir, o verdadeiro som de nosso coração — e a conversação! “Escrever...”<sup>52</sup>

Não é senão a aparência enganosa da imagem que dá aqui algo de mais exterior e mais vago [à profissão]<sup>53</sup>, algo de mais aprofundado e recolhido à intimidade. Na realidade, aquilo que se dá ao público é aquilo que se escreve só, por si mesmo, é bem a obra de si mesmo... Aquilo que ocorre entre íntimos, isto é, na conversação (por mais refinada que seja, e a mais refinada é a pior de todas, porque falseia a vida espiritual na associação: as conversações de Flaubert com a sobrinha e o relojoeiro não demonstram nenhum perigo) e nas produções destinadas à intimidade, isto é, repetidas ao gosto de certas pessoas e que outras não são que as da conversação escrita, é obra de um eu bem mais exterior, não do eu profundo que somente se reencontra fazendo abstração dos outros e do eu que conhece os outros, o eu que esperava enquanto se estava com os outros, que bem entende o único real, e pelo qual só os artistas acabam por viver, como um deus que vão deixando aos poucos e a quem sacrificaram uma vida que só serviu para honrá-lo. Não resta dúvida que, a partir das *Lundis*, Sainte-Beuve não somente mudará de vida, mas se elevará — não muito! — à idéia de que uma vida de trabalho intenso, como aquela que leva, é no fundo mais fecunda, necessária a certas naturezas voluntariamente ociosas e que, sem ela, não teriam riquezas. “[ ]”, dirá ao falar de Favre,<sup>54</sup> de Fauriel etc. etc.

Dirá sempre que a vida do homem de letras limita-se ao gabinete, apesar do incrível protesto que levantará contra aquilo que Balzac diz em *La Cousine Bette*.<sup>55</sup> Mas continuará não compreendendo este mundo único, fechado, sem comunicação

com o exterior, que é a alma do poeta. Acredita que os outros possam dar-lhe conselhos, excitá-lo, reprimi-lo: "Não a Boileau".<sup>56\*</sup>

É por não ter visto o abismo que separa o escritor do homem do mundo, por não ter entendido que o eu do escritor só se mostra nos seus livros, e que ele não mostra aos homens do mundo (ou mesmo àqueles homens do mundo que são, no mundo, os outros escritores e que não se tornam escritores senão solitários) senão a um homem do mundo como eles, inaugurará o famoso método que, segundo Taine, Bourget e muitos outros, é sua glória, e que consiste em interrogar avidamente, para entender um poeta, um escritor, aqueles que o conheceram, que o frequentaram, que poderiam dizer-nos como se comportava com relação a mulheres etc., ou seja, precisamente com relação a todos os pontos onde a verdadeira palavra do poeta não está em jogo.

Em nenhum momento de sua vida Sainte-Beuve demonstrou ter conhecido a literatura de uma forma mais profunda. Ele a coloca no mesmo plano da conversação.<sup>57</sup>

Esta concepção tão superficial, nós o veremos, não mudará, mas o ideal factício<sup>58</sup> foi para sempre perdido. A necessidade obrigou-o a renunciar àquela vida. Tendo de consumir sua demissão de administrador da biblioteca de Mazarine, sentia necessidade de um trabalho que lhe permitisse etc., e aceitar de boa vontade as ofertas de...<sup>59</sup>

A partir deste momento, o lazer que desejava foi substituído por um trabalho obstinado. "Desde a manhã, é o que nos diz um dos secretários etc."

Não resta dúvida de que o trabalho o forçou a exteriorizar um turbilhão de idéias que, talvez, caso tivesse mantido a vida ociosa que previra no início, nunca veriam a luz do dia. Parece ter sido atingido pelo proveito que certos espíritos podem tirar da necessidade de produzir (Favre<sup>60</sup>, Fauriel, Fontanes). Durante dez anos, tudo aquilo que tivesse reservado para os amigos, para ele mesmo, para uma obra longamente meditada que sem dúvida nunca foi escrita, precisou tomar uma forma, sair

\* Boileau, Nicholas Despreaux (1636-1711): crítico e poeta, amigo de Molière, La Fontaine e Racine. (N. do E. brasileiro)

Incessantemente dele. Essas reservas de onde obtemos preciosas ideias, uma em torno da qual deveria cristalizar-se um romance, outra que ele desenvolveria numa poesia, outra ainda através da qual ele um dia sentiu a beleza, erguiam-se do fundo de seu pensamento, enquanto lia o livro sobre o qual deveria facilmente manifestar-se. E para fazer a oferenda mais bela, sacrificava seu mais caro Isaque, sua suprema Ifigênia. "Faço flechas com qualquer madeira", dizia, "disparo os últimos cartuchos". Diga-se que, na fabricação dos fuzis com que atirou durante dez anos em cada segunda-feira com um brilho incomparável, introduziu a matéria, desde então perdida, dos livros mais duráveis. Mas sabia que nem tudo estava perdido e que, uma vez que o pouco do eterno ou pelo menos do durável tinha entrado na composição do efêmero, o mesmo efêmero seria retornado, recolhido, e que as gerações continuariam a extrair dele o durável. De fato, isto tornou esses livros por vezes divertidos, até mesmo agradáveis, proporcionando momentos tão recreativos que certas pessoas, estou certo,<sup>61</sup> aplicariam sinceramente a Sainte-Beuve aquilo que se diz de Horácio: "..."<sup>62</sup>

O título *Lundis* lembra nos que este foi para Sainte-Beuve o trabalho febril e encantador de uma semana, o despertar glorioso daquela manhã de segunda-feira. Em sua casinha na rua de Mont-Parnasse, na segunda-feira de manhã, na hora em que, no inverno, o dia permanece ainda pálido sobre as cortinas fechadas, ele abre o *Constitutionnel* e sentia que, naquele mesmo momento, as palavras que escolhera levavam a muitos quartos de Paris a novidade dos pensamentos brilhantes que ele achara, e excitavam em muita gente a admiração que experimenta por si mesmo aquele que viu nascer em si uma ideia melhor que aquela que jamais leu em outros, e que apresentou em toda a sua força, com todos os detalhes que ele mesmo não percebeu de início, em plena luz, com as sombras que ele amorosamente também acariciou. É certo que ele não tinha a emoção do principiante<sup>63</sup> que, estando<sup>64</sup> seu artigo há um bom tempo na redação, mas nunca o encontrando quando abre o jornal, acaba desesperado para que o mesmo apareça. Assim é que, numa certa manhã, sua mãe, ao entrar no quarto, colocou junto a ele o jornal, com um ar mais distraído do que de costume, como se não houvesse nada de curioso para ser lido ali. Contudo, pôs o jornal bem próximo dele, para que não pudesse deixar de lê-lo. Depois reti-

rou-se rápido, puxando vigorosamente a velha empregada que ia entrar no quarto. Ele sorriu, porque compreendeu que sua mãe tão querida desejava que ele nada temesse, que tivesse toda a surpresa de sua alegria e que fosse o único a saboreá-la, sem ter que se irritar com as palavras dos outros enquanto lia, obrigado pelo orgulho a ocultar a alegria a todos aqueles que desejariam indiscretamente dividi-la com ele. Entretanto, acima do dia pálido, o céu permanece da cor da brasa: nas ruas brumosas, milhares de jornais, úmidos ainda da prensa e da madrugada molhada, mais nutritivos e saborosos que os pães quentes que serão cortados, em torno da lâmpada ainda acesa, na hora do café com leite, vão correndo levar seu pensamento mil vezes multiplicado para todas as casas. Rapidamente providencia a compra de outros exemplares do jornal, para bem tocar com o dedo o milagre de tão surpreendente multiplicação, pondo-se no lugar de um novo comprador, para abrir com olhar desprevenido aquele outro exemplar e ali achar o mesmo pensamento. E como o sol a inchar, cheio, iluminado, saltando pelo pequeno ímpeto de sua dilatação sobre o horizonte violáceo, ele vê seu pensamento, que triunfa em cada espírito naquela mesma hora, subir como um sol e tingir-se por completo com suas cores.

Sainte-Beuve não era mais um principiante e não desfrutava mais dessas alegrias. Contudo, naquela madrugada de inverno, via, no leito de altas colunas, Mme. de Boigne abrindo o *Constitutionnel*; dizia a si mesmo que às duas horas o Chanceler<sup>65</sup> viria vê-la e falar com ela, e que talvez naquela noite receberia uma palavra de Mme. Allart ou de Mme. d'Arbouville dizendo-lhe tudo que se pensava. Assim seus artigos pareciam-lhe como uma espécie de arco cujo começo localizava-se em seu pensamento e em sua prosa, mas cujo fim prolongava-se pelo espírito e pela admiração dos leitores, onde a curva terminava e recebia as últimas cores. É o caso de um artigo com aquelas frases vibrantes que lemos no jornal, em notícias da Câmara: "O Senhor Presidente do Conselho, Ministro do Interior e dos Cultos: 'O Senhor verá...' (vivos protestos à direita, salva de aplausos à esquerda, rumor prolongado)" e da composição daquelas indicações que a precedem e das notas de emoção que a seguem, que entram de forma tão integradora quanto as palavras pronunciadas. Na verdade, em "o senhor verá" a frase não

está plenamente acabada, apenas começa, e "vivos protestos à direita etc." é o seu fim, mais belo que o seu meio, digno mesmo do início. Dessa forma, a beleza jornalística não está inteiramente no artigo; destacada dos espíritos onde se consuma, não passa de uma Vênus quebrada. Como é da multidão (aquela multidão era uma elite) que recebe sua expressão última, tal expressão é sempre um pouco vulgar. É sob o silêncio de imaginada aprovação de tal ou qual leitor que o jornalista pesa suas palavras e procura o equilíbrio de seu pensamento. Também sua obra, escrita com a inconsciente colaboração dos outros, torna-se menos pessoal.

Como vimos, Sainte-Beuve acredita que a vida de salão que tanto lhe agradava, era indispensável à literatura, e projeta-a através dos séculos, seja na corte de Luís XIV, no círculo escolhido pelo Diretório, e assim por diante... Na verdade, esse criador de toda a semana, que sequer repousava no domingo e recebia seu salário de glória na segunda-feira, pelo prazer que causava aos bons juízos e pelos golpes que desferia nos maus, concebe toda a literatura assim como todas as séries das *Lundis*, que poderão ser relidas talvez, mas que foram escritas em sua hora, importando-se com a opinião dos bons juízos, para agradar, e sem muito contar com a posteridade. Via<sup>66</sup> a literatura como uma categoria do tempo. "Eu vos anuncio uma interessante estação poética", escreveu a Béranger<sup>67</sup> [...] Pergunta-se se a literatura será amada mais tarde e diz aos Goncourt, a respeito de *Madame Gervaisais*: ["...]."<sup>68</sup> A literatura parecia-lhe uma coisa de época, valendo o que valia a personagem. Em resumo, achava melhor desfrutar de um grande papel político e não escrever, do que ser um político descontente e escrever um livro de moral... etc. Também não era como Émerson que afirmava ser necessário atrelar o carro a uma estrela. Procura antes atrelá-lo àquilo que é mais contingente, a política: "Colaborar com um grande movimento social pareceu-me interessante", disse ele. Retomou por vinte vezes o pesar que Chateaubriand, Lamartine e Hugo tinham pelo fato político; mas na verdade a política está mais distante das obras destes que das críticas dele. Por que, dizia ele sobre Lamartine, "o talento é tão franco"? Sobre Chateaubriand: "As *Mémoires* são pouco agradáveis ... Pois para o talento..."<sup>69</sup> "Não podia de fato falar de Hugo."

Por ele não só tinham lá<sup>70</sup> preferência, mas consideração. "Sabes que se tens a opinião dos outros, terão a tua", escreveu-lhe Mme. d'Arbouville, e ele nos diz que ela lhe deu como divisa: Querer agradar e permanecer livre. Na verdade, era tão pouco<sup>71</sup> livre que, enquanto Mme. Récamier vivia, ele temia dizer qualquer coisa de hostil sobre Chateaubriand. Mas desde que Mme. Récamier e Chateaubriand morreram, ele tirou o atraso; não sei se é bem assim que considerava nas "notas e pensamentos": "Depois de ter sido advogado, tive que tornar-me juiz."<sup>72</sup> Sempre era ele quem destruía, parte por parte, suas opiniões precedentes. Fazendo uma avaliação das *Mémoires d'outre-tombe* depois de uma leitura realizada na casa de Mme. Récamier, chegou à passagem em que Chateaubriand diz: [" "].<sup>73</sup> Protestou, achava que esse escrúpulo revelava muita delicadeza:<sup>74</sup> "Não, não é com você." Quando, depois da morte de Mme. Récamier e de Chateaubriand, analisou as *Mémoires d'outre-tombe* e deparou-se com a mesma passagem, interrompeu novamente o augusto narrador, mas, desta feita, somente para dizer-lhe: "É muito natural". — "Como! disse-lhe..."<sup>75</sup> Mesmo a respeito de um homem como o Chanceler Pasquier, de quem só se falava bem, com o maior brilho, o maior gosto, a maior continuidade, parece-me que, se ele não contra-disse seus elogios entusiastas, foi sem dúvida porque a velhice indefinidamente prolongada de Mme. de Boigne o impedia. "Mme. de Boigne lamenta-se por não mais te ver", escreveu-lhe o Chanceler (como George Sand escrevia-lhe: "Alfred Musset...")<sup>76</sup> Queres apanhar-me no Luxemburgo? Conversaremos etc." Por ocasião da morte do Chanceler, Mme. de Boigne vivia ainda.<sup>77</sup> Três artigos sobre o Chanceler, tão elogiosos para agradar a amiga desolada. Mas, quando da morte de [Mme. de Boigne]<sup>78</sup>, lemos nos *Portraits*: "Cousin diz..." e ele diz<sup>79</sup>, ao jantar em Magny, a Gouncourt<sup>80</sup> que não podia deixar de afirmar: "É temeroso ser chorado por Sainte-Beuve".

Mas geralmente sua suscetibilidade, seu humor mutante, a pronta desaprovação daqueles por quem antes mostrara-se apaixonado, faziam com que, mesmo para com as pessoas vivas, ele "se mantivesse livre". Não era preciso estar morto, bastava desentender-se com ele; assim é que temos os artigos contraditórios sobre Hugo, Lamartine, Laménais etc., sobre Béranger nas...<sup>81</sup> Essa "liberdade retomada" era para a "vontade

de agradar" o contrapeso indispensável à consideração. Acrescente-se que nele havia, paralelamente a uma certa disposição para se inclinar diante dos poderes estabelecidos, uma certa disposição para libertar-se, uma tendência mundana e conservadora, uma tendência liberal e aos modos de um livre-pensador. À primeira delas, devemos o imenso espaço que todas as personagens políticas de Julho têm em sua obra, onde não se pode dar um passo nos salões em que se aglomeram os interlocutores ilustres, pensando que da discussão jorrará a luz, sem reencontrar M. Molé, todos os Noailles possíveis, que ele respeita a ponto de achar que seria culpado, depois de duzentos anos, por citar inteiramente num artigo o retrato de Mme. de Noailles em Saint-Simon, e que, ao lado disso, como por revanche, ele atira contra as candidaturas aristocráticas para a Academia (como a respeito da eleição tão legítima do duque de Broglie<sup>82</sup>), dizendo: aquela gente acabará por nomear seus porteiros.

Diante da Academia, sua atitude é igualmente a de um amigo de M. Molé, que acha que a candidatura Baudelaire, embora grande amigo seu, seria um gracejo,<sup>83</sup> escrevendo que ele deveria considerar-se orgulhoso por ter agradado aos acadêmicos: "Causaste uma boa impressão, isso não é nada?",<sup>84</sup> e logo em seguida a de um amigo de Renan, que acha que Taine humilhou-se ao submeter os *Essais* ao julgamento de acadêmicos que não poderiam compreendê-lo, bramando contra Dupanloup, que impediu Littré de entrar na Academia e que disse ao secretário desde o primeiro dia: "Na quinta-feira vou à Academia, meus colegas não passam de gente insignificante". Faz artigos de complacência, ele mesmo confessou, sobre um ou outro, mas recusa, com violência, falar bem de Pongerville ao afirmar: "Hoje ele não entraria".<sup>85</sup> Tem aquilo que ele chama de o sentimento da dignidade, e o manifesta de uma forma solene que chega por vezes a se tornar cômica. Diz-se ainda que, estupidamente acusado de ter recebido uma gorjeta de cem francos, explica que escreveu ao *Journal des Débats* uma carta "cuja tônica não se engana, como só podem escrever as pessoas honestas". Dizem também que, acusado por M. de Pontmartin,<sup>86</sup> ou que, sentindo-se indiretamente visado por um discurso de Villemain, escreveu: "...". Mas é cômico que depois de advertir os Gouncourt de que ele falaria mal de *Madame Gervaisait* e tendo sabido por terceiros que tinham dito à princesa: "Sainte-

Beuve vai bem...", ele fique colérico por causa da expressão "crítica violenta," escrevendo que: "Não faço crítica violenta."<sup>87</sup> É uma das de Sainte-Beuve, que respondeu a ...<sup>88</sup>

Seus livros,<sup>89</sup> principalmente o *Chateaubriand et son groupe littéraire*, têm o ar das fileiras de salões para onde o autor convidou diversos interlocutores a serem interrogados sobre as pessoas que conheceram, a trazerem testemunhos destinados a contradizer outros, e por isso, a mostrar que no homem que se tem o hábito de louvar há também muita coisa por dizer, ou por classificar segundo aquele que o contradirá numa outra família de espíritos.<sup>90</sup>

E isso não ocorre entre duas visitas, é no seio de um mesmo visitante que está a contradição. Sainte-Beuve não deixa de se lembrar de uma anedota, de ir procurar uma carta, de chamar como testemunha um homem de autoridade e de sabedoria, que aquecia os pés na filosofia, mas que queria mesmo era exibir suas maluquices, para mostrar que aquele que acaba de dar um tal conselho tinha, na verdade, um outro.

Molé, com sua cartola à mão, lembra que Lamartine, quando soube que Royer-Collard candidatava-se à Academia, escreveu-lhe espontaneamente para comunicar-lhe que votaria nele, mas no dia da eleição vota contra ele, e, numa outra oportunidade, tendo votado contra Ampère, envia a Mme. de Lamartine as felicitações na casa de Mme. Recámier.<sup>91</sup>

Pergunto-me, vez por outra, se o que há de melhor na obra de Sainte-Beuve não são os versos. Todos os ditos espirituosos cessaram. As coisas não mais são tratadas de esguelha, com mil malícias e sortilégios. O círculo mágico e infernal está rompido. Como se a mentira constante do pensamento tivesse nele a habilidade factícia da expressão, deixando de falar em prosa ele deixa de mentir. Tal qual um estudante que, obrigado a traduzir seu pensamento em latim, vê-se obrigado a colocá-lo a nu, Sainte-Beuve acha-se pela primeira vez na presença da realidade e então recebe um sentimento direto. Há mais de sentimento direto nos *Rayons Jaunes*, nas *Larmes de Racine*, em todos os seus versos do que em toda a sua prosa. Somente se a mentira o abandona, todas as suas vantagens o abandonam também. Como um homem acostumado ao álcool e que é colocado no

regime do leite, perde, com seu vigor factício, toda sua força. "Este ser, como é desajeitado e feio",<sup>92</sup> Não há nada mais tocante que essa pobreza de meios no grande prestigioso crítico, rompendo com as elegâncias, as eloquências, as astúcias, as farças, os enternecimentos, as diligências, os afagos de estilo. Mais nada. De sua imensa cultura, de seus grandes exercícios de letreiro, resta-lhe somente a rejeição de todo orgulho, de toda banalidade, de toda expressão pouco controlada, e as imagens são procuradas e severamente escolhidas, algo que lembra o estudado e distinto dos versos de um André Chenier, de um Anatole France. Tudo isso, contudo, é desejado, mas não nele. Procura fazer aquilo que admira em Teócrito, em Cooper, em Racine. Dele, do inconsciente, profundo, pessoal, não há senão embaraço. Ele retorna sempre, de maneira natural. Mas essa mínima coisa, essa mínima coisa encantadora e sincera que é contudo sua poesia, o esforço sábio e às vezes feliz para exprimir a pureza do amor, as tristezas dos fins de tarde nas grandes cidades, a magia da lembrança, a emoção dos leitores, a melancolia da velhice incrédula, mostra — porque sente-se que é a única coisa real nele — a ausência de significação — uma vez uma obra crítica maravilhosa, imensa, efervescente — uma vez que todas aquelas maravilhas conduzem a isso. Os versos de um crítico, *Lundis*. Realidade, esse mínimo de versos. Os versos de um crítico, é este o peso na balança da eternidade de toda a sua obra.

## O MÉTODO DE SAINTE-BEUVE

27. Ms. encadernado (nº 45), fls. 15-31.

28. Lembrança de *O Evangelho segundo São João*, XII, 35 sgs.: "Por um pouco de tempo apenas a luz está entre nós. Caminhai enquanto tendes a luz... Enquanto tiverdes a luz, acreditai na luz". Cf. Carta XLII de Proust a Georges de Lauris (dezembro de 1908).

29. Passagem muito riscada: certas palavras permanecem indecifráveis.

30. Ms.: "eu os tinha questionado".

31. Essa definição que o Ms. não cita, Proust a emprestou certamente do artigo que Paul Bourget tinha publicado no *Figaro* de 7 de julho de 1907, para prestar uma homenagem a Spoelberch de Lovenjoul, morto no dia 4. Encontrar-se-á esse artigo no tomo I das *Pages de critique et de doctrine* (p. 249 sgs.). Eis as principais linhas em que Proust se baseou: "O senhor Spoelberch foi um dos raros alunos de um mestre que deveria, pelo que tudo indica, ter deixado muita coisa, tão excelente foi o seu método: Sainte-Beuve. Contam-se aqueles que verdadeiramente o seguiram. O autor das *Lundis* definia a crítica: uma botânica moral. Ele achava que, antes de julgar uma obra, o analista literário deveria esforçar-se para compreendê-la, e antes de situá-la, anotar os detalhes das mínimas circunstâncias em que foi produzida. Tal estudo comporta pesquisas que só seriam suficientemente minuciosas se levassem em conta a biografia do escritor, a hereditariedade, a família, os amigos, o seu tempo, as etapas de elaboração, pesquisas estas apoiadas em documentos verificados..." Acima (p. 28) já se pôde destacar as alusões precisas a esse artigo de Bourget.

32. Artigo escrito por Taine em 17 de outubro de 1869, quatro dias após a morte de Sainte-Beuve. Foi recolhido nos *Derniers essais de critique et d'histoire* (1894).

33. "... mostrou como se deve proceder para conhecer um homem..."

34. "Esta espécie de análise botânica praticada com os indivíduos humanos é a única maneira de relacionar as ciências morais com as ciências positivas, bas-

- tando aplicá-la aos povos, às épocas, às raças, para se obter seus frutos.”
35. Proust antes tinha se proposto parar quase simultaneamente essa segunda citação e tinha escrito: “até produzir frutos” (ver nota precedente). Mas, em seguida, julgou preferível dar um texto mais extenso e ir até o fim do artigo: “... as bases de um monumento grande e durável”.
36. Primeira versão: “Tudo está contido no indivíduo”. Proust riscou “Tudo está contido” e escreveu “Tudo” sem verbo.
37. Proust escreveu “têm” no fim de uma linha e deixou de escrever “sido” no início da linha seguinte.
38. Proust se propunha a citar aqui, ao menos parcialmente, as três primeiras páginas do célebre artigo de Sainte-Beuve, datado de 22 de julho de 1862 e recolhido no tomo III das *Nouveaux lundis* (p. 15 sgs.). Teria suprimido o parágrafo que começa por: “com os antigos não se tem os meios suficientes para a observação...”
39. No artigo das *Nouveaux lundis*, citado na nota precedente. Proust cita o início da segunda alínea: “A literatura, a produção literária, não é para mim distinta...”
40. *Nouveaux lundis*, t.III, p.28.
41. A frase permaneceu inacabada; abaixo dela há um grande branco na p. 18 do Ms. encadernado.
42. Frase inacabada.
43. *Causeries du lundi*, t. IX, p. 272.
44. *Causeries du lundi*, t. IX, p. 276: “Tendo conhecido Stendhal, degustado-o, tendo relido ainda mais recentemente ou tentado reler seus romances tão preconizados (romances sempre defeituosos, apesar das partes agradáveis, mas, em suma, destestáveis), não me é possível considerá-lo com admiração...”
45. *Causeries du lundi*, t. IX, pp. 263-270 (*passim*).
46. *Ibid.*, pp. 271 segs.
47. *Ibid.*, p. 273.
48. Consultar no tomo IX das *Nouveaux lundis* (pp. 258 segs.) artigo intitulado “Mlle. Eugénie de Guérin e Mme. de Gasparin”.
49. Primeira versão: “apareceria então abaixo de..., de..., de...” etc. Proust substituiu “abaixo” por “inferior”, mas deixou de mudar a preposição: corrigiu, contudo, “de tantos outros” por “a tantos outros”.
50. Após “Jacquemont” Proust escreveu essa passagem inacabada, que riscou com barras oblíquas: “Mostrarei no entanto que ele procedeu da mesma forma com relação a quase todos os seus contemporâneos verdadeiramente originais: belo sucesso para um homem que considerava como principal tarefa da crítica decifrar seus grandes contemporâneos! (citação do *Génie*).” \* Voltando a Stendhal, que citei de preferência porque ali não se pode descobrir por seu julgamento nenhuma razão pessoal, ele não fez valer somente o argumento de autoridade obtido de seus amigos, mas dele mesmo...”

\* É por confusão que Proust se remete aqui ao *Génie [du christianisme]*. Ele pensa na passagem de Sainte-Beuve (*Chateaubriand et son groupe*, éd. orig. t. II, p. 117, n.º 2) que ele já havia citado em 1905, em seu artigo “Sur la lecture”. (N.do E.)

51. Como saber em que passagem de Carlyle pensava Proust? Em todo caso, ele se lembra de Flaubert no prefácio que este escreveu para as *Dernières Châtiments* de Louis Bouilhet, fala do escritor para quem "os acidentes do mundo parecem-lhe todos inaproveitados como pelo emprego de uma lã só por descrever".

52. Proust pensava em citar aqui uma passagem do prefácio de *Chateaubriand et son groupe* (1801): "Escrever de tempos em tempos coisas agradáveis, e assim ler coisas agradáveis e serias, mas sobretudo não escrever muito, cultivar seus amigos, [...] dar mais à intimidade que ao público, [...], assim se desenhava para mim o sonho de um *galante homme* literato, que sabe o valor das coisas verdadeiras, e que não deixa a profissão e o trabalho usurparem o essencial de sua alma e de seus pensamentos. A necessidade tomou-me e constrangiu-me a renunciar aquilo que eu considerava como a única felicidade ou a consolação delicada do melancólico e do sábio..." (ed. orig. t. I, p.6)

53. Ms.: "vago, algo de". Ao copiar novamente (todo esse trecho está passado a limpo) Proust omitiu pelo menos duas palavras. É evidente que ele quer opor a vida criativa do escritor e sua vida social: somente a primeira é verdadeiramente "interior"; ora, Sainte-Beuve a julga "exterior". A segunda é totalmente superficial; Sainte-Beuve a considera profunda.

54. Proust escreveu: "Fabre", mas pensa certamente no artigo das *Lundis* (XIII, 240 sgs.) consagrado a Guillaume Favre, que compara com Fauriel: "É bom algumas vezes para os homens de ciência sentirem-se em presença de um público menos sério, menos sólido, e que, no fundo, por sua grande indiferença, obriga os escritores a empenharem-se [...]. Se não for colocado pelo menos uma vez em situação de *debuter* sua ciência, [...] ele só terá acumulado imensas notas e reservatórios escondidos".

55. Alusão a uma passagem do artigo escrito por Sainte-Beuve um dia após a morte de Balzac (*Lundis*, t. II, p. 353). Em *La Cousine Bette* (ed. Conard XVII, pp. 239-244) a propósito do escultor Wenceslas Steinbock, Balzac insiste sobre a distância que há em arte entre a Concepção e a Execução: "Pensar, sonhar, conceber belas obras é uma ocupação deliciosa [...]. Mas produzir! [...] O trabalho constante é a lei da arte! [...] Também os grandes artistas, os poetas completos não esperam nem as encomendas nem os fregueses: eles criam hoje, amanhã, sempre. Daí resulta esse hábito do trabalho, esse perpétuo conhecimento das dificuldades que os mantêm em concubinato com a Musa." Foi sobretudo essa última expressão que chocou Sainte-Beuve: "Nem Homero nem Fídiás viveram em *concubinato* com a Musa; eles sempre a acolheram e a conheceram casta e severa" (*Lundis*, t. II, p. 354). Proust retoma essa passagem de Balzac e o protesto de Sainte-Beuve, p. 94.

56. Alusão, sem dúvida, ao artigo das *Lundis*, t. VI, p. 417, dedicado a Boileau. Sainte-Beuve ali desenvolve essa ideia então comumente admitida, que Boileau exerceu uma influência profunda e feliz sobre os grandes escritores de seu tempo. (Sabes o que, em nossos dias, falta a nossos poetas?... Falta um Boileau...)

57. Lê-se em seguida no Ms. (p.24) esta frase inacabada: "Citação de *Chateaubriand et son groupe*, ilude aqui a imagem mentirosa que parece atribuir à literatura para íntimos..."

58. Palavra de leitura muito duvidosa.

59. A frase ficou macabada. Na mesma página 24, essa primeira redação, também macabada, é riscada: "Logo a necessidade o obriga a deixar aquela vida. Obrigado a conciliar com sua demissão de administração da biblioteca Mazarine, foi-lhe necessário aceitar, para sobreviver, um curso em Liège, depois passou a redigir as segundas-feiras para o *Constitutionnel*. Se a partir das *Lundis*, sua..."
60. Sobre Guillaume Favre (aqui também Proust escreveu "Fabre") e Pauliel, cf. n. 54.
61. Leitura davidiosa.
62. Proust, sem dúvida, propunha-se a citar aqui algumas linhas do artigo *Étude* que segue o *Étude de Sainte-Beuve sur Virgile* (pp. 455 sgs.).
63. Proust pensa na ênfase que ele mesmo experimentou quando seu primeiro artigo foi publicado em *Le Figaro*; essa lembrança é muitas vezes evocada nos *Cadernos* (cf. n. 15 *Projetos de prefácio*).
64. É o que parece ser o texto do Ms., aqui pouco legível. É necessário compreender sem dúvida: que tem na redação espera-se.
65. Pasquier.
66. Palavra de leitura davidiosa.
67. *Portraits contemporains*, t. I, p. 139. — O nome de Béranger é seguido de palavras difíceis de decifrar: "Esperavam-te [?] no campo e como tem uma bela... sabedoria antiga ele disse... Contar que ao morrer... literárias"; aqui retoma nosso texto: "Pergunta-se".
68. Cf. *Journal des Goncourt* (ed. de 1988), na data de 2 de março de 1869 (III, p. 275): "Como declaramos a ele de forma categórica que não há para nós senão um público, não aquele do momento, mas aquele do futuro, ele nos disse com um dar de ombros: Há um futuro, uma posteridade?... Poderás lá figurar, tu!"
69. *Lundis*, t. I, p. 343 (artigo de 18 de março de 1850 sobre as *Mémoires d'outre-tombe*): "Elas são pouco agradáveis [...], e aí está um grande defeito. Pois, para o talento [...] sente-se ali em muitas páginas o tratamento de um mestre..."
70. No mundo.
71. Ms.: "tão pouco que duas páginas adiante *ele* que..." Proust riscou "ele" e deixou de riscar "duas páginas adiante".
72. *Portraits littéraires*, t. III, p. 534 (*Pensões*): "Na crítica sempre fui advogado, coloquemo-nos agora como juiz".
73. Eis a nota de Chateaubriand que Sainte-Beuve cita em seus *Portraits contemporains* (1834), t. I, p. 25: "Mas não há ali detalhes estranhos, pretensões indecentes numa época em que não se quer que ninguém seja filho de seu pai! Eis as verdades de uma época de progresso, de revolução!" E eis o "protesto" de Sainte-Beuve: "Não; no senhor Chateaubriand o cavalheiresco é uma qualidade inalienável; o fidalgo nele nunca falha, mas nunca teve obstáculos maiores".
74. Lembrança dos *Animaux malades de la peste*.
75. As censuras que Sainte-Beuve dirige, nesse ponto, a Chateaubriand encontram-se nas *Lundis*, t. I, p. 350.
76. Cf. a carta de G. Sand a Sainte-Beuve, datada de 19 de setembro de 1833.
77. Pasquier morreu com noventa e dois anos, em 1862; Mme. de Boigne com oitenta e cinco anos, quatro anos mais tarde.
78. Ms.: "Pasquier".

79. "... Na sociedade de Chateaubriand ele era apenas tolerado... Joubert o critica de desprezo" (*Journal des Goncourt*, ed. de 1877, II, 189, na data de 11 de abril de 1864). O interessante é que Sainte-Beuve, antes de ver essas idéias sobre Pasquier, apresentou-se como "o defensor e o campeão" da memória dele. Foi então que Goncourt declarou a Sainte-Beuve: "Se eu morrer antes de ti, Deus me livre de ser chamado por ti!"

80. Ms.: "e diz a Goncourt ao jantar em Wagny que não pode".

81. Proust não dá o título da obra, pensa sem dúvida no tomo II das *Leçons*, onde se encontra um artigo sobre Béranger, datado de 15 de julho de 1850. Sainte-Beuve ali faz alusão ao retrato muito elogioso que havia traçado "há mais de quinze anos". Só tem um desejo agora: "mostrar as pessoas nas quais elas são" (t. II, p. 225).

82. Cf. *Nouveaux lundis*, t. I, p. 387 (artigo de 20 de janeiro de 1862 intitulado: "Próximas eleições na Academia"). Sainte-Beuve ali se declara hostil à eleição do duque Albert de Broglie à cadeira de Lacordaire (mas nenhuma alusão aos portentos!) O duque foi eleito.

83. Cf. artigo das *Nouveaux lundis*, t. I, p. 400: "Pergunta-se antes se o senhor Baudelaire, ao se apresentar, quis fazer uma pilhéria na Academia..."

84. Cf. carta de Sainte-Beuve a Baudelaire de 15 de fevereiro de 1862 (ver p. 58).

85. Pongerville, tradutor de Lucrécio, entrou na Academia em 1850. A palavra citada por Proust está relacionada com as *Nouveaux lundis*, t. III, p. 442.

86. Pontmartin denunciara Sainte-Beuve como um "crítico imoral, um patrono da imoralidade". "Eu não entenderia", escreveu Sainte-Beuve, "um tal procedimento desse homem galante" (*Causeries du lundi*, XV, p. 349).

87. Os Goncourt tinham dito à princesa Mathilde que os felicitava "por receber um artigo de Sainte-Beuve": "Não há pelo que nos cumprimentar, Sainte-Beuve não nos deixou ignorar que isto seria uma crítica violenta". Quando lhe comunicaram o ocorrido, Sainte-Beuve mostrou-se furioso: "Crítica violenta! Faço crítica, não faço crítica violenta" (*Journal des Goncourt*, edição de 1866, t. III, p. 292).

88. Frase inacabada (Ms. p. 26).

89. Essa passagem (Ms. p. 29) encontra-se numa folha à parte, de pequeno formato, que parece com uma folha de papel de cartas.

90. Primeira versão (aquela que adotamos está nas entrelinhas): "... numa fileira onde ele fazia entrar a todo o momento um novo interlocutor para lutar, para contradizer os outros, para que um julgamento mais verdadeiro süsse das discussões".

91. Esta segunda anedota (Ampère e Lamarque) acha-se, palavra por palavra, em "Notes et pensées" de Sainte-Beuve, no final do Tomo XI das *Causeries du lundi*. Pode-se pois pensar que aquilo que a precede e que se relaciona com Lamarque e com Royer-Collard, vem da mesma fonte. Mas, como sempre, Proust, escrevendo rapidamente, trocou os nomes e os fatos. Primeiro, escreve "votar contra ele", o que é um contra-senso. Por outro lado, Lamarque não pôde pedir a Royer-Collard para votar contra ou a favor de quem quer que fosse, quando Royer-Collard era ele mesmo candidato; Lamarque, enfim, só entrou na Academia em 1829, isto é, dois anos após Royer-Collard. De fato, não se trata de Royer-Collard, mas de Pasquier, e a cena se passa em 1842. Eis o que relata Sainte-Beuve: "[Lamarque] sabe um dia que o M. Pasquier tem a

idéia de se apresentar e que, para isso, sonda os amigos; Lamartine escreve-lhe *do próprio punho* uma carta na qual lhe diz que acredita dever se lamentar por ter sido esquecido entre aqueles com quem se podia contar [...]. Breve, oferece sua voz. M. Pasquier responde-lhe com uma carta muito sensível tal qual requer a situação. No dia da eleição, o vizinho de Lamartine observa que ele escreve na cédula o nome de Aimé Martin. 'Mas eu pensava que votarias para M. de Pasquier!' — Bah! — responde Lamartine — penso que meu voto assim seria inútil, pois já tem muitos". Seria, pois, necessário corrigir assim o texto de Proust: "quando ele soube que [Pasquier] apresentava-se à Academia, escreveu-lhe espontaneamente para lhe pedir [contar com ele entre os que votariam por] ele, mas..."

92. Lembrança de Baudelaire ("L'Albatros"):

*Comme il est gauche et veule!*  
*Lui, naguère si beau, qu'il est comique et laid!\**

\* O Albatroz

Como é desajeitado e fraco! / Ele, há pouco tão belo, como é cômico e feio!